

Jeffrey Andrew Weinstock (ed.), *The Monster Theory Reader*, University of Minnesota Press, Minneapolis, 2020. ISBN 978-1-5179-0524-8 (hardcover); 978-1-5179-0525-5 (paperback).

A proposta de *The Monster Theory Reader* é ambiciosa: uma antologia de ensaios dedicados ao que seria um novo campo de estudos, englobado pelo termo «monster theory». Partindo do influente «Monster Culture (Seven Theses)» (1996), que abre o volume na condição de pedra fundamental dessa hipotética «teoria dos monstros», Jeffrey Andrew Weinstock defende que o ensaio seminal de Jeffrey Jerome Cohen foi responsável por aglutinar ideias dispersas e criar os parâmetros necessários para que, em uma perspectiva foucaultiana, se fundasse um modo de análise dos monstros como reflexos de ansiedades e desejos culturais, como mecanismos de controle social, e como *loci* potenciais de resistência de paradigmas opressores.

Weinstock, professor da Central Michigan University e editor do *Journal of the Fantastic in the Arts*, propõe, em sua apresentação, uma genealogia da teoria dos monstros que procura dar conta da dispersão do estudo acadêmico sobre monstruosidades, dada a natureza transdisciplinar e transnacional de tais estudos. O livro se propõe oferecer um conjunto de ferramentas de trabalho para pesquisadores e estudantes através de uma seleção interdisciplinar. Afinal, questões como o que são os

monstros, de onde vêm, o que significam, e quais as suas funções sociais têm sido levantadas por filósofos, teólogos, psicólogos, médicos e críticos culturais há séculos, em contextos que vão desde estudos medievais até a ecocrítica contemporânea, revelando assim o forte caráter transhistórico desse campo de estudos.

Considerando as variações históricas, etimológicas e genealógicas do termo, Weinstock propõe uma definição geral de monstros como sendo aqueles seres que não deveriam existir de acordo com o entendimento que se tem sobre o mundo e seu funcionamento em um dado contexto. Porém, a existência desses seres, mesmo que somente no plano do imaginário, abala e perturba os paradigmas de uma cultura. A atribuição da condição de monstruosidade a um ser é, portanto, um fenômeno localizado no tempo e no espaço, e muito do que já foi considerado monstruoso deixou de ser quando as categorias de pensamento que dão conta do mundo absorveram a condição não natural do ser que se julgava monstruoso. É nesse sentido que os monstros produzem uma ansiedade extrema, que só pode ser aplacada com a «resolução» de sua existência: ou ele é absorvido ou precisa ser erradicado.

Para Weinstock, a principal diferença entre as teorias da monstrosidade contemporâneas e as do passado reside no fato de que, atualmente, «monstro» é pensado como uma categoria socialmente construída, a refletir ansiedades e desejos culturalmente específicos. É significativa, por exemplo, a tendência moderna —que se observa pelo menos desde *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley— de se dar voz aos monstros, e de se refletir sobre o que há de normal na monstrosidade e de monstruoso na normalidade. Essa condição ambígua rege o modo como empregamos a palavra *monstro* e torna a retórica da monstrosidade uma poderosa ferramenta de manipulação de massas e de promoção de agendas políticas. Weinstock pensa em Foucault como um marco importante da teoria dos Monstros, por inaugurar uma reflexão sobre o uso do termo como um mecanismo de controle social e de opressão.

A primeira seção do livro, intitulada «Caixa de ferramentas» (*The Monster Theory Toolbox*), agrupa textos que fornecem os principais conceitos e a terminologia das teorias dos monstros, começando por *Das Unheimliche* (1919), de Sigmund Freud. Naquele que é o texto mais antigo da coletânea, chama-se atenção para uma categoria do assustador que remete ao que nos é, simultaneamente, familiar e estranho. O ensaio do fundador da psicanálise tornou-se influente para as teorias do monstro por sua atenção ao fenômeno do «duplo», em que o sujeito se identifica com outro ser de tal forma que fica em dúvida sobre o seu próprio eu.

Na sequência, encontramos *The Uncanny Valley* (1970), do pioneiro da robótica Masahiro Mori. Apesar de «uncanny» se referir a uma das traduções mais comuns do *Unheimliche*, o artigo de Mori não tem relação com o de Freud. Seu argumento central é o de que nossa afinidade por robôs aumenta quanto mais eles se parecem com seres humanos, até o momento em que o grau de semelhança passa a ser percebido como «uncanny», e torna-se, portanto, monstruoso. Mori especula que o senso de estranheza pode ser instintivo nos humanos, como uma forma de nos proteger de ameaças imediatas, e sugere que a robótica não deveria criar robôs tão parecidos com seres humanos: evitando a semelhança, evita-se também a sensação de estranheza.

O terceiro artigo da seção é «Approaching Abjection», o capítulo inicial de *Pouvoirs de l'horreur* (1980), da crítica e psicanalista Julia Kristeva, que define a abjeção como uma violenta e obscura revolta do ser contra uma ameaça que se situa no limiar do tolerável e do imaginável —e que, como tal, torna-se inassimilável, pois põe em xeque nossa visão de mundo. A contemplação do abjeto expõe o sujeito a uma estranheza extrema, que lhe repugna e atrai justamente por parecer existir fora das regras da existência. O abjeto é aquilo que perturba a identidade e a ordem, e, como tal, é o conteúdo de nossos medos mais profundos, não porque transgrida de fato limites e regras, mas por ser insuportavelmente ambíguo —como a ideia de um amigo que nos apunhala.

Já em «An Introduction to the American Horror Film» (1978), o influente crítico cinematográfico inglês Robin Wood postula como o mais importante marco da crítica de horror a confluência entre estudos marxistas, freudianos, feministas e *queer* em torno da ideia de superação das estruturas e instituições ideológicas do patriarcado capitalista. Apostando nas ideias de Gad Horowitz sobre as relações entre as noções de repressão da psicanálise e de opressão do marxismo, ele mapeia o cinema de horror norte-americano, identificando suas linhas mestras, e propondo como o filme de horror pode tanto ser progressista como reacionário, conforme trata o ser monstruoso como inerentemente maligno ou não.

«Fantastic Biologies and the Structures of Horrific Imagery», capítulo de um dos mais importantes livros teóricos sobre o horror na ficção, *The Philosophy of Horror* (1990), de Noël Carroll, descreve o gênero conferindo especial atenção ao personagem essencial desse tipo de narrativa: o monstro. Caracterizando-o como fisicamente ameaçador e impuro, o filósofo apoia-se nos trabalhos da antropóloga Mary Douglas para sustentar que o monstro de horror é capaz de inspirar repulsa, sobretudo por ser um ente intersticial, e, como tal, conter a combinação de características culturalmente conflituosas. Carroll, professor emérito de filosofia da City University of New York, vai descrever as estruturas simbólicas dominantes que servem de veículo de composição para os temas da intersticialidade, contradição cate-

górica e impureza capazes de explicar a maior parte das biologias fantásticas dos monstros de horror: fusão, fissão, magnificação, massificação e procedimentos metonímicos.

«Parasites and Perverts: An Introduction to Gothic Monstrosity», é o primeiro capítulo do também influente *Skin Shows; Gothic Horror and the Technology of Monsters* (1995). Nele Jack (antes Judith) Halberstam traçava um caminho entre as monstruosidades metafóricas do gótico setecentista e a explicitude dos monstros dos filmes de horror pós-moderno. Citando noções como «visibilidade imediata», de Baudrillard, e «frenesi do visível», de Linda Williams, Halberstam vai perseguir a ideia de que os monstros contemporâneos são puros corpos sem alma. Para o professor de estudos de gênero da Columbia University, o Gótico é uma tecnologia retórica que, voltada para produzir medo e desejo, alcança tal feito por meio de um vertiginoso processo de plurissignificação. Todos seus exageros estilísticos e sua parafernália fantástica são responsáveis por produzir uma experiência de horror diante desse estímulo excessivo aos sentidos, que, por fim, concentra no corpo da monstruosidade o foco de todas as interpretações.

A segunda seção do livro, intitulada «Monstrificando a diferença» (*Monsterizing Difference*), explora o uso da retórica da monstruosidade como ferramenta de dominação. Sendo a alteridade um fator crucial para a construção cultural de monstros, encontraremos na visão das civili-

zações pré-modernas sobre as diferenças raciais uma de suas primeiras manifestações. Partindo da famosa ilustração das raças monstruosas encontrada nos anexos da Bíblia de Arnstein, Alexa Wright, em «Monstruous Strangers at the Edge of the World: the Monstruous Races», originalmente publicado em *Monstrosity: the Human Monster in Visual Culture* (2013), explorará as condições que levam à formulação de criaturas como blêmias, cinocéfalos e panottis. O texto da artista e professora da University of Westminster de Londres retoma aspectos já bem discutidos das teorias dos monstros: sua relação com a alteridade e com a transgressão de normas e de fronteiras do mundo em que surgem.

O nono capítulo, «Blood, Jews, and Monsters in Medieval Culture», de Bettina Bildhauer —publicado anteriormente em *The Monstruous Middle Ages* (2003)—, pode ser visto, de certa forma, como um estudo de caso do tema levantado anteriormente por Alexa Wright. A professora de línguas modernas da University of St. Andrews analisa a representação do judeu em textos medievais, defendendo que nem sempre as raças monstruosas o serão através de uma inscrição de sua monstruosidade no próprio corpo. Mais crucial aos processos de monstificação desses povos seria uma alteridade de caráter híbrido, que os situa ao mesmo tempo dentro e fora de categorias sólidas. Nesse sentido, o judeu surgiria como um exemplo muito claro da intersticialidade monstruosa, existindo nas fronteiras da cristandade. Bildhauer tenta, assim, reforçar

como o monstro não pode ser completamente classificado, pois permanece ambivalente em seus sentidos, espreitando nas fronteiras do conhecível, do aceitável e do possível da sociedade que o engendra.

Em «Horror and the Monstruous-Feminine: An Imaginary Abjection», publicado anteriormente no *Feminist Film Theory: a Reader* (1999), Barbara Creed se apoia em uma leitura bem focada da abjeção segundo Kristeva. Ela apresenta a ideia do abjeto como um elemento central para o horror, seja na figura das excrescências, seja nas violações de limites do próprio corpo, tal como mutilações, canibalismo ou corpos reanimados. A narrativa de horror exerceria, portanto, um papel análogo ao da religião no confronto e expulsão do abjeto, redefinindo as fronteiras entre o humano e o não-humano. A professora da University of Melbourne destaca a recorrência da representação do feminino como abjeto desde o mito da Medusa até o horror moderno, em filmes como *O exorcista* (1973), *Carrie, a estranha* (1976) e *Alien, o oitavo passageiro* (1979).

Dando sequência às relações entre minorias e horror, caberá ao texto de Harry Benshoff o papel de discutir as relações entre homossexualidade e monstruosidade. «The Monster and the Homosexual», originalmente publicado em *Queer Cinema: the Film Reader* (2004), parte da hipótese de Robin Wood de que o núcleo temático do horror residiria no tripé: normalidade (a heteronormatividade patriarcal capitalista); o Outro (aquele que contraria essa mesma normalidade); e a relação entre ambos. O

autor do influente *Monsters in the Closet: Homosexuality and the Horror* (1997), contudo, se nega a saída fácil de mostrar como é frequente, na construção das monstrosidades, referências a sexualidades outras, argumentando que há uma relação menos direta, mas igualmente importante, entre o *queer* e o horror, que não residiria no plano da produção, mas da recepção. Para ele, a posição marginalizada do *queer* na sociedade heteronormativa permitiria uma melhor assimilação da subjetividade não das personagens vítimas, mas dos próprios monstros.

«A Haunted Whiteness», originalmente publicado em *Pretend We're Dead: Capitalist Monsters in American Pop Culture* (2006), retoma a questão racial que abriu a segunda parte do livro em um contexto mais amplo: do colonialismo ao capitalismo contemporâneo. Annalee Newitz não cai na armadilha de racializar de forma unívoca uma relação monstro (negro) e vítima (branco). Ela expõe a recorrência de uma ansiedade cujas raízes estariam na *weird fiction* lovecraftiana, que, segundo a autora, teria como principal tema a ameaça à ordem do mundo branco por forças pré-arianas, capazes de destruí-lo não só por fora, mas também por dentro, por meio do hibridismo racial. Ancorada em um amplo recorte da tradição do horror, a escritora e jornalista investiga os vestígios dessa ameaça da mestiçagem à ordem vigente na contemporaneidade, mas com sentidos inversos, tal como seria possível ver na franquia *Blade* (1998), por exemplo.

O capítulo de Elizabeth Grosz «Intolerable Ambiguity: Freaks as / at the Limit»

—anteriormente publicado em *Freakery: Cultural Spectacles of the Extraordinary Body* (1996), organizado por Rosemarie Garland Thomson— se encontra em uma posição limítrofe em relação à temática da segunda parte dessa coletânea. Ele aborda uma categoria de alteridade cuja diferença estaria não tanto em sua representação, mas na própria realidade: os chamados *freaks*. A professora da Duke University relaciona a figura dos *freaks* a uma ameaça ontológica às categorias que definem o humano, focando-se, sobretudo, em dois exemplos que apresentariam de forma clara o desafio dos limites dessas categorias: o hermafroditismo —que colocaria em xeque o padrão binário de sexualidade, e, dessa forma, as definições de identidade a partir do sexo masculino e feminino— e os gêmeos siameses —cuja existência levantaria questões sobre os próprios limites do corpo, da subjetividade e do indivíduo.

A terceira parte do livro, dedicada aos sentidos culturais do monstro, inclui pesquisas que exploram como os monstros são construídos pelas mais diversas crenças sociais. No artigo que abre a seção, «Monsters and the Moral Imagination» (2009), Stephen Asma se interroga sobre o motivo da proliferação de obras ficcionais e de estudos acadêmicos que exploram monstrosidades nas primeiras décadas do milênio. O professor de filosofia do Columbia College de Chicago observa que, se, nas sociedades mais progressistas do mundo contemporâneo, os monstros podem surgir para dramatizar nossa busca por bodes expiatórios e assim revelar

tendências xenofóbicas, intolerantes, racistas, isso corresponde a um espectro relativamente pequeno dos sentidos históricos dos monstros no imaginário humano, da Antiguidade até nossos dias. Como símbolos de nossa vulnerabilidade crítica, os monstros são *sparings* para nossa imaginação moral, e nos servem assim como exercícios de reflexão sobre os limites de nossos comportamentos.

Em «Introduction to Religion and its Monsters» (2002), Timothy Beal explora sentidos teológicos levantados pelas relações muitas vezes paradoxais figuradas por monstros e seus criadores em obras ficcionais, em especial aquelas relacionadas à teodiceia. Valendo-se do *Unheimliche* freudiano, o professor de religião da Case Western Reserve University investiga o monstro como uma ameaça à estabilidade e ao bem-estar das visões cósmicas sustentadas pelos sistemas religiosos. Ele avalia também as ocorrências em que a monstruosidade é deificada, podendo funcionar como símbolo da ira divina ou mesmo de um caos maior. Das aproximações entre religião e monstro, acredita Beal, viriam as vertiginosas experiências paradoxais do horror sublime, em que atração e repulsa se costuram na ideia de sagrado.

No capítulo «The Self's Clean and Proper Body», inicialmente publicado em *Embodying the Monster: Encounters with the Vulnerable Self* (2002), Margrit Shildrick investiga em uma moldura derridiana o papel do corpo monstruoso nas concepções ocidentais do «self». Para a maior parte da

história da filosofia, o corpo é pouco mais do que o lugar mecânico que abriga a mente ou a alma —essa sim a essência do ser. Mesmo em sistemas filosóficos que preguem a unidade corpo-mente, como a fenomenologia, o *self* mantém para com o corpo uma atitude de desconfiança que vai além da lógica e da razão. Isso ocorre sobretudo em relação ao corpo que deixa de ser saudável e passa a constituir uma ameaça. Para a professora da York University de Toronto, o que se pode observar é uma «normalização» do corpo saudável, em que diferenças passam a ser vistas como desvios. Seriam consideradas monstruosas as morfologias não-normativas, que recebem essa denominação mais por conta de regulações disciplinares do que por avaliações pragmáticas sobre funções corporais.

Na sequência, Michael Dylan Foster, em «Haunting Modernity: Tanuki, Trains, and Transformation in Japan», originalmente publicado em 2012, analisa o *tanuki*, o folclórico cão-guaxinim japonês, como um *trickster* cujas travessuras instauram caos no mundo. Como uma criatura liminar entre o natural e o sobrenatural, as narrativas orais do *tanuki* assumiram um sentido de sutil crítica e resistência às transformações da era moderna, principalmente em relação às ansiedades geradas pela industrialização e pela urbanização. Focando-se em narrativas que abordam encontros do *tanuki* com os trens, símbolos máximos da modernidade, o professor da University of California trata essas histórias como

narrativas de assombração, em que cabe ao trem o papel de monstro.

Em seu capítulo na coletânea, «Invisible Monsters: Vision, Horror, and Contemporary Culture» —anteriormente publicado no *The Ashgate Research Companion to Monsters and the Monstrous*—, Jeffrey Weinstock procura demonstrar que não há nada que seja intrinsecamente monstruoso, e que a ideia de monstruosidade é sempre dependente das condições culturais, quase sempre estabelecida em oposição ao que se entende ser o humano. As mudanças nos monstros refletem nossas mudanças de entendimento sobre nosso lugar no mundo, sendo, assim, formas de se repensar a própria humanidade. Entre as continuidades e as rupturas nas representações das monstruosidades no Ocidente, o organizador da coletânea ressalta a perda de relevância da aparência física como condição da monstruosidade, e sua substituição por valores morais antitéticos, o que torna a monstruosidade uma espécie de doença invisível. Assim, o monstro contemporâneo, invisível e ubíquo, inspira paranoia e alimenta teorias da conspiração, pois, se ele pode estar em qualquer lugar, pode, inclusive, estar em nós mesmos.

Em certa medida, «Monster, Terrorist, Fag: The War on Terrorism and Production of Docile Patriots» (2002), de Jasbir K. Puar e Amit. S. Rai —respectivamente professores na Rutgers University e da University of London—, se aproxima bastante do escopo da seção «Monstrificando a diferença», ao tratar de questões envolvendo monstruosidade, gênero e raça. Os

autores buscam mostrar como os discursos sobre terrorismo muitas vezes se valem de uma sexualização do Outro, como comprovam as charges de ataque a Osama Bin Laden que retratam penetração sexual, ou as tentativas de conectar terrorismo à sexualidade frustrada através da promessa das setenta virgens no paraíso. Por outro lado, essa relação se daria também por oposição: a heteronormatividade estaria relacionada ao patriotismo, consequentemente, o inimigo desse patriotismo seria uma ameaça a essa mesma heteronormatividade.

A terceira parte do livro se encerra com o artigo de 2011 «Zombie Trouble: Zombie Texts, Bare Life, and Displaced People», de Jon Stratton. Notando a recente onda de filmes, séries e jogos que tematizam o apocalipse zumbi, o professor de estudos culturais da University of South Australia propõe que essa popularização do gênero está profundamente conectada a ansiedades relativas ao contato entre as sociedades ocidentais e os deslocados, sobretudo os não-ocidentais. Para fazer tal associação, ele parte do conceito de *vida nua*, de Agamben, e demonstra como a figura do homem desprovido do acolhimento das instituições sociais se assemelha a de alguém no limbo entre a vida e a morte, tornando o zumbi sua ideal metáfora. Esse monstro dialogaria, portanto, com questões como escravidão, imigração e as condições de trabalho modernas, dando vazão não apenas às ansiedades geradas pelo contato com deslocados, mas também ao medo de nos tornarmos parte dessa «vida nua» que eles representam.

Tomando como ponto de partida a tese final de Cohen, «O monstro está situado no limiar... de tornar-se», a última seção, denominada de «As promessas dos monstros», reúne quatro artigos que focam o deslocamento do monstro da fronteira do medo para a da esperança. Erin Suzuki abre com o artigo «Beast from the Deep» (2017), em que analisa três recentes filmes sobre ataques de monstros no Pacífico —*Battleship* (2012), *Círculo de fogo* (2013) e *Godzilla* (2014)— como alegorias para a militarização no Círculo do Pacífico e para as relações econômicas entre os Estados Unidos e as demais nações dessa região. Para o professor de literatura da University of California, essas bestas das profundezas operam como metáfora das consequências imprevisíveis que subjazem o otimismo das projeções de uma parceria transpacífica capaz de sustentar a visão americana de um futurismo neoliberal.

Ainda que o monstro seja uma figura proteica, sempre pronta para se adequar a um novo contexto, durante boa parte do livro, o vemos corporificado em manifestações ficcionais mais ou menos concretas. Nesse sentido, «Of Swamp Dragons», de Anthony Lioi —publicado anteriormente em *Coming into Contact: Explorations in Ecocritical Theory and Practice* (2007)—, surge como uma exceção, apresentando o dragão do pântano não como um elemento narrativo, mas como uma chave crítica, mais especificamente da ecocrítica. Segundo o professor da Jui-liard School de New York, a ecocrítica

mais tradicional estaria carregada de uma visão sublime da natureza que excluiria de suas representações e reflexões a impureza. Pântanos, culturalmente associados a espaços de degradação, ruína e morte, ficariam, assim, marginalizados, quando não excluídos do pensamento ecocrítico. Ao associá-los à ambivalência do dragão, figura que incorpora caos e morte, mas também sabedoria e poder, esse espaço poderia ser ressignificado como um *locus* de resistência, heterogeneidade e vida efervescente.

O ensaio de Donna Haraway, «The Promises of Monsters: A Regenerative Politics for Inappropriate/d Others» (1992), apesar de servir de título à quarta parte do livro, é o texto que mais se opõe ao demais artigos da seção. Seu foco não são os monstros, mas justamente aquilo que possibilitaria sua existência: limites. Desconstruindo uma visão naturalizada da natureza, que criaria, junto à civilização, um par opositivo entre o espaço do homem e o espaço edênico do mundo puro, intocado, a professora emérita de história da consciência da University of California, propõe uma abordagem artefactualista da natureza, que enxerga esse espaço como uma rede de relações em que o homem é apenas um dos agentes. Um mundo que abandonasse a representação binarista em prol da articulação seria, então, um mundo em que o monstro se tornaria uma figura obsoleta, uma vez que se perderiam as noções rígidas de limites cuja transgressão possibilita a criação de monstruosidades.

Podemos tomar «Posthuman Teratology», texto de Patricia MacCormack publicado no já mencionado *The Ashgate Companion to Monsters and the Monstrous*, como uma continuação lógica dessas promessas levantadas por Haraway. Para a professora de filosofia da Anglia Ruskin University, nos monstros residiria a chave para dar conta da crise contemporânea do que significa ser humano, em oposição a saídas mais recorrentes do pós/transhumanismo, tais como o ciborgue ou o retorno ao mundo animal. Seria justamente a impossibilidade de categorização própria do monstro que o tornaria um ente privilegiado para habitar esse mundo pós-humano: em oposição às regulações, alterações e instrumentalizações do corpo dito normal, se concretizaria a promessa da monstruosidade, um corpo heterogeneamente coletivo, livre das imposições externas, aglutinador de identidades em vez de esvaziado delas.

Ao fim, os vinte e cinco ensaios que compõem a antologia de Weinstock reve-

lam como as teorias do monstro absorvem, em parte, aquilo que caracterizaria seu objeto de estudo: liminares, transitam entre divisões disciplinares, cruzando as fronteiras da biologia, da teologia, da antropologia, da psicologia e dos estudos culturais. Assim como seus objetos, as reflexões sobre os monstros parecem também imortais, retornando quando as pensamos esquecidas, trazendo consigo os vestígios da Antiguidade, da Idade Média e do começo da Modernidade; proteicas, modificam *corpus*, abordagem e juízos, refletindo as ansiedades e os desejos daquilo que buscam projetar nos monstros que combatem —ou convocam.

JÚLIO FRANÇA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
julfranca@gmail.com

PEDRO SASSE

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
pedro_sasse@hotmail.com

